

FILME
THE
QUEEN

AULA
2

DIRETOR
STEPHEN
FREARS



THE QUEEN

ANÁLISE DE FILMES E OBRAS DE ARTE
AULA ESPECIAL

QUARTA - 19H
21 DE SETEMBRO



IRMÃOS
MAYRINCK

Peter Morgan



O roteirista inglês é o grande nome por trás da série *The Crown*, do filme *The Queen* e dos demais títulos que compõem a trilogia.

Aficionado pela rainha Elizabeth II, ele sempre a retrata de uma maneira bastante humana e busca preencher lacunas ao mostrar os bastidores da família real.

Stephen Frears

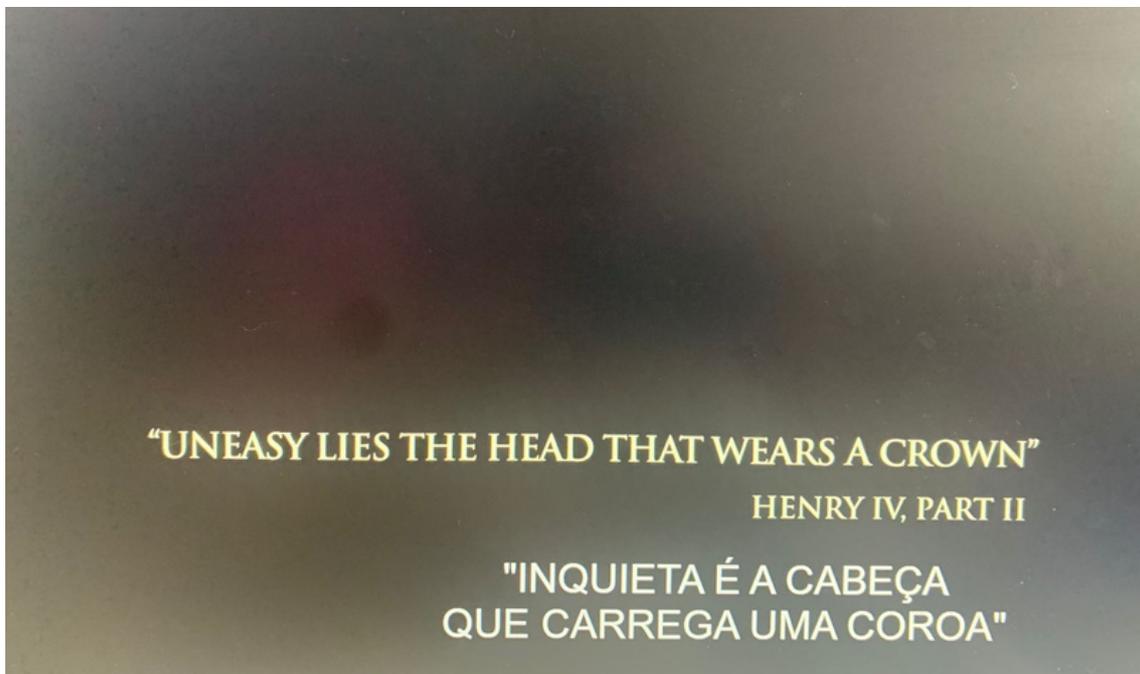


O produtor e diretor britânico é conhecido por trabalhar com histórias que retratem a vida real.

The Queen

Lançado em 2006, o filme faz parte de uma trilogia, que começa por *The Deal*, que mostra a história de Tony Blair a caminho do poder, passa por *The Special Relationship*, que mostra a relação entre Bill Clinton, Tony Blair e George W. Bush, e acaba com *The Queen*, que mostra a semana que sucedeu a morte da princesa Diana.

A abertura do filme mostra a rainha sendo retratada pelo retratista oficial de Buckingham no dia das eleições que levaram Tony Blair a ser primeiro-ministro. A cena mostra uma conversa entre os dois, humanizando a rainha. Durante este papo, o pintor lembra à rainha que ela não pode votar, mas que o governo é dela. Então, o filme abre com a frase abaixo, da segunda parte da peça de Henrique IV, de Shakespeare:



O filme começa com o acidente que levou à morte da Diana. Foi uma situação tão inusitada que a rainha Elizabeth II não sabia como agir, porque ela é humana. E esse filme faz o milagre de humanizar a rainha, a Diana e todos eles.

O príncipe Charles tenta entender o porquê dele e da família serem tão odiados. E é porque a Diana construiu a narrativa de injustiçada muito bem. Por isso ela controlava a situação.

Ao ver que a rainha não sabia o que fazer, Tony Blair, que tinha subido ao poder há pouco mais de 2 meses, teve que se mostrar um tremendo líder e trazer a monarca de volta a Londres.

Ele orientou a rainha a respeitar os desejos da família Spencer, que queria viver o luto de maneira reservada, sem a ausência da mídia. E enxergou todos os erros que estavam sendo cometidos, impedindo que a monarquia caísse.

O primeiro-ministro viu que a rainha, por não saber o que fazer, estava apenas seguindo os protocolos. Por isso a bandeira não foi colocada a meio-mastro: porque, na verdade, a "bandeira" em questão era o estandarte real, que simbolizava apenas se a monarca estava ou não no Palácio de Buckingham, não se alguém havia falecido. No caso da Diana, ela nem fazia mais parte da família.



As orientações dele foram: venha para Londres, coloque o brasão a meio-mastro mesmo a Diana não sendo mais HRH, caminhe pelas flores que foram deixadas para a Diana no Palácio de Buckingham e faça seu papel de rainha: mostre que você se importa com a morte e com o povo.

Quando ela caminhou as pessoas começam a se solidarizar e querem dar carinho e flores para ela.



Pelo fato da Diana não ser mais um membro da família, ela não era mais HRH e não tinha um funeral de Estado ensaiado. Mas a proporção que a morte dela tomou mundialmente foi tão grande que foi usado o Tay Bridge, que estava sendo ensaiado para a rainha-mãe. A diferença foi que, ao invés de chefes de Estado, os convidados eram as celebridades amigas da Diana.



Em um certo ponto do filme, Tony Blair mostra para seu primeiro-assistente - que foi quem deu o apelido de "princesa do povo" para a Diana - que a Diana estava, com as ações das semanas que antecederam sua morte, tentando destruir o que Elizabeth II havia construído nas últimas 5 décadas.



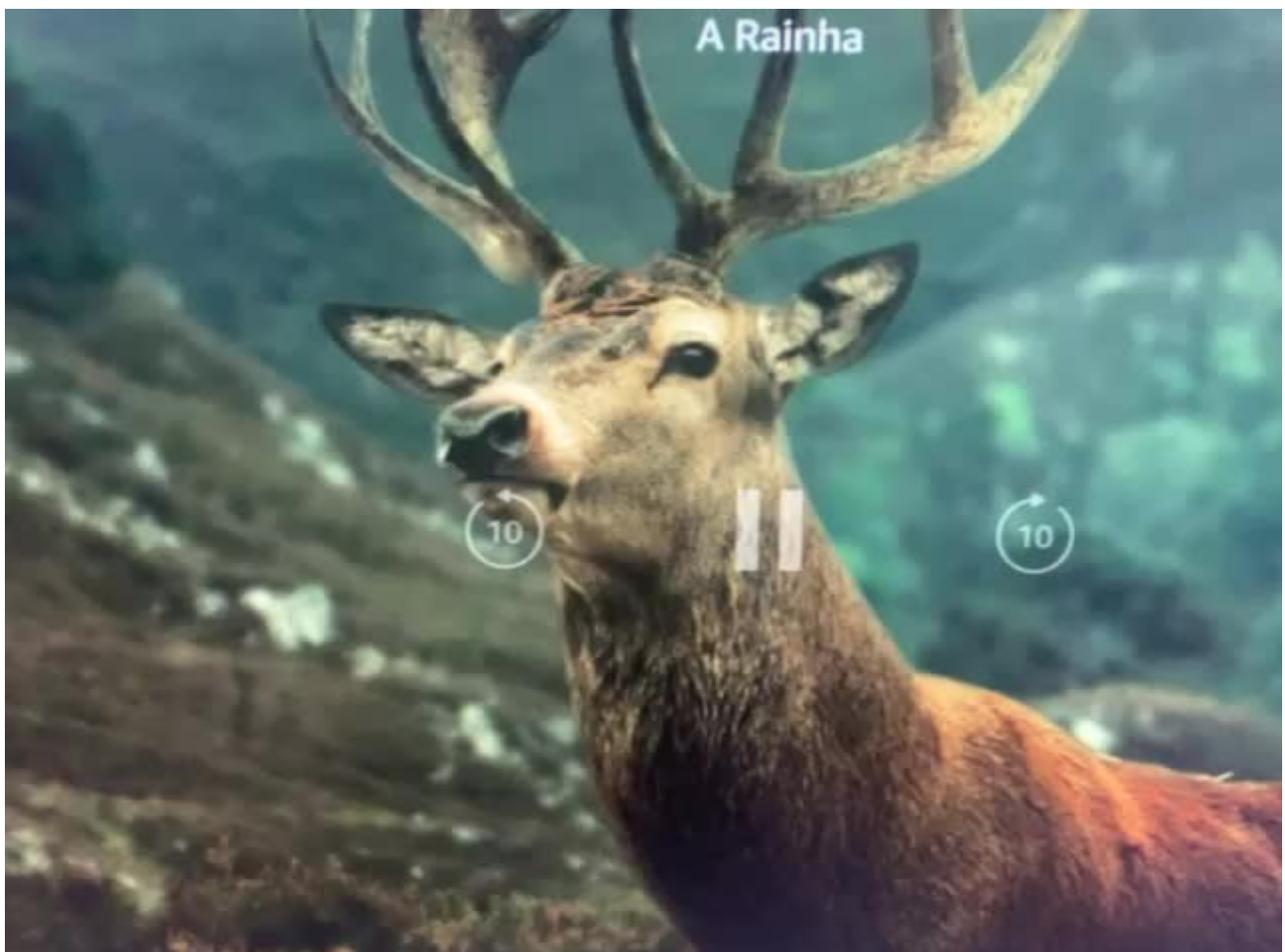
Outra cena muito importante do filme é quando a rainha Elizabeth II está caminhando com a rainha-mãe e diz que, quando não se sabe o que fazer, o melhor é passar a coroa para a próxima geração. Então, a mãe a lembra da promessa que ela fez diante de Deus, de que não importava se a vida seria longa ou curta: ela serviria sua nação e a Commonwealth até o fim.





Com essa cena do alce, a intenção do Peter Morgan era que o animal representasse a monarquia. Por isso ela fala que ele é lindo e pede pra ele sair dali, para não levar um tiro e sobreviver, não deixar a vida ser em vão.

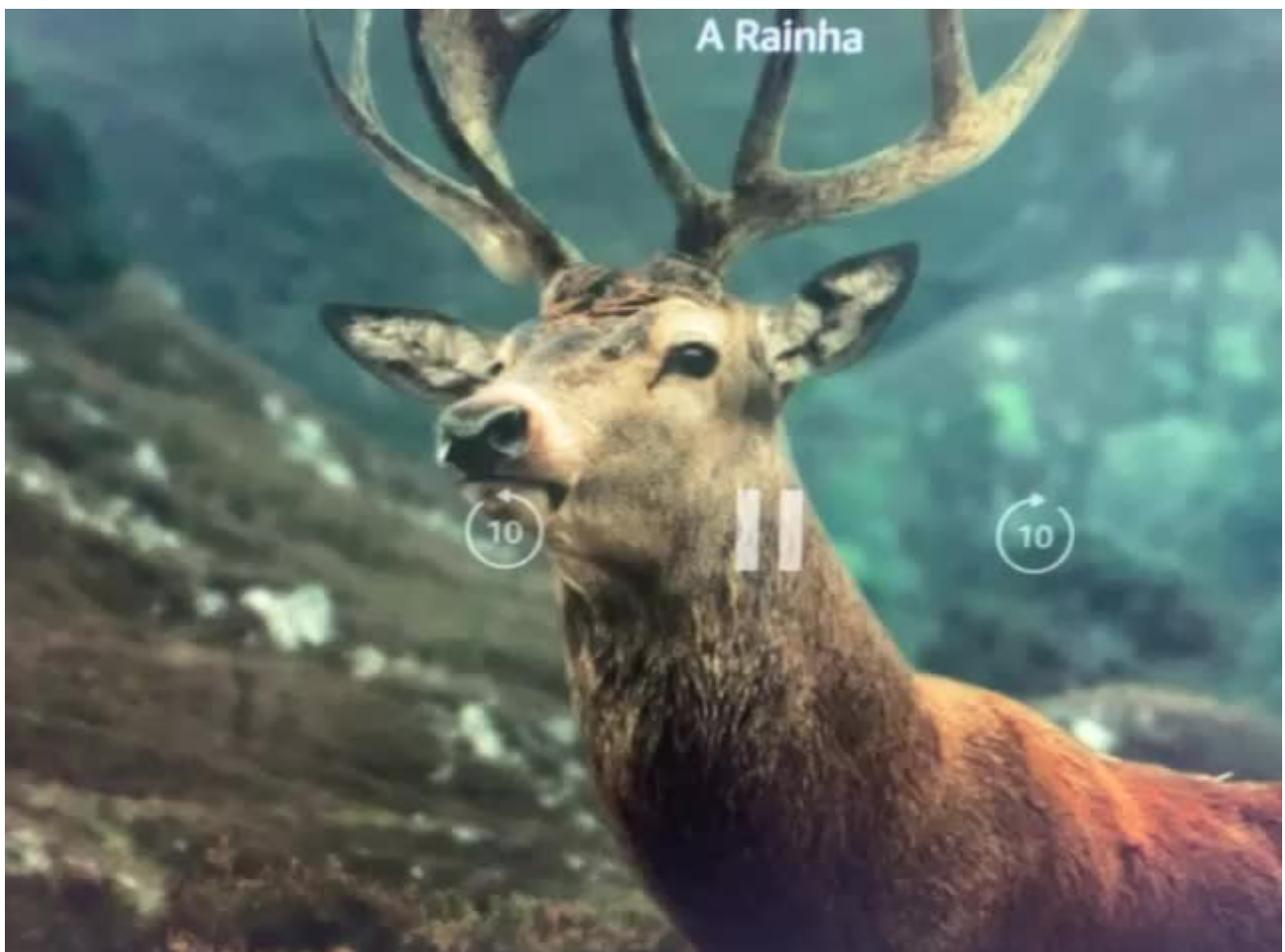
A rainha foi humanizada durante todo o filme, mas a atriz achou que o povo não gostaria de ver a rainha chorar, então, quando ela se emociona, ela vira de costas.





Com essa cena do alce, a intenção do Peter Morgan era que o animal representasse a monarquia. Por isso ela fala que ele é lindo e pede pra ele sair dali, para não levar um tiro e sobreviver, não deixar a vida ser em vão.

A rainha foi humanizada durante todo o filme, mas a atriz achou que o povo não gostaria de ver a rainha chorar, então, quando ela se emociona, ela vira de costas.



Impressionismo

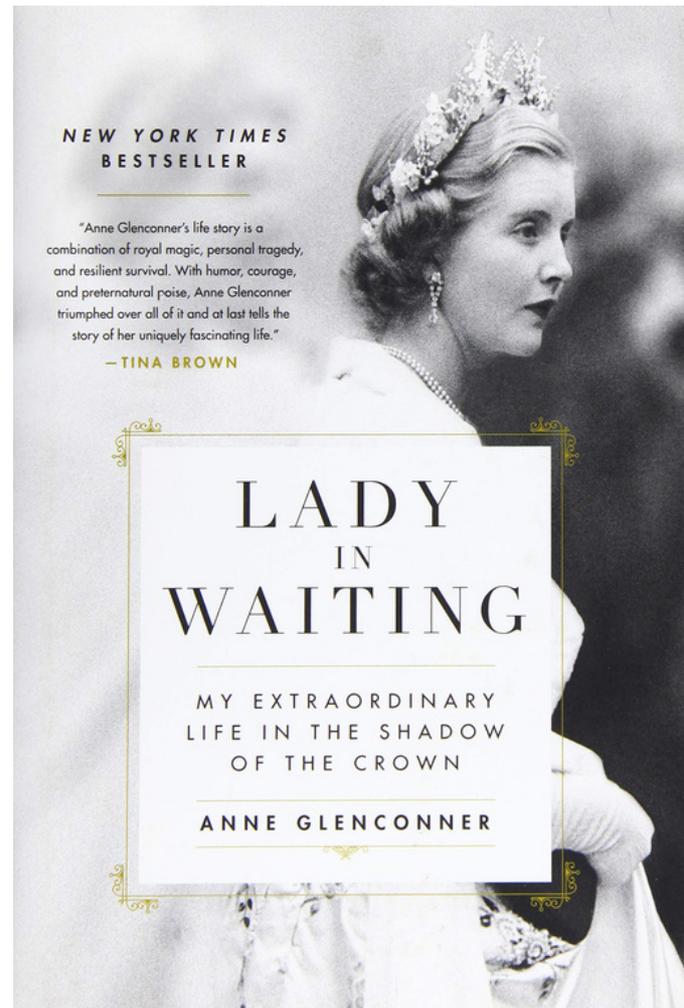
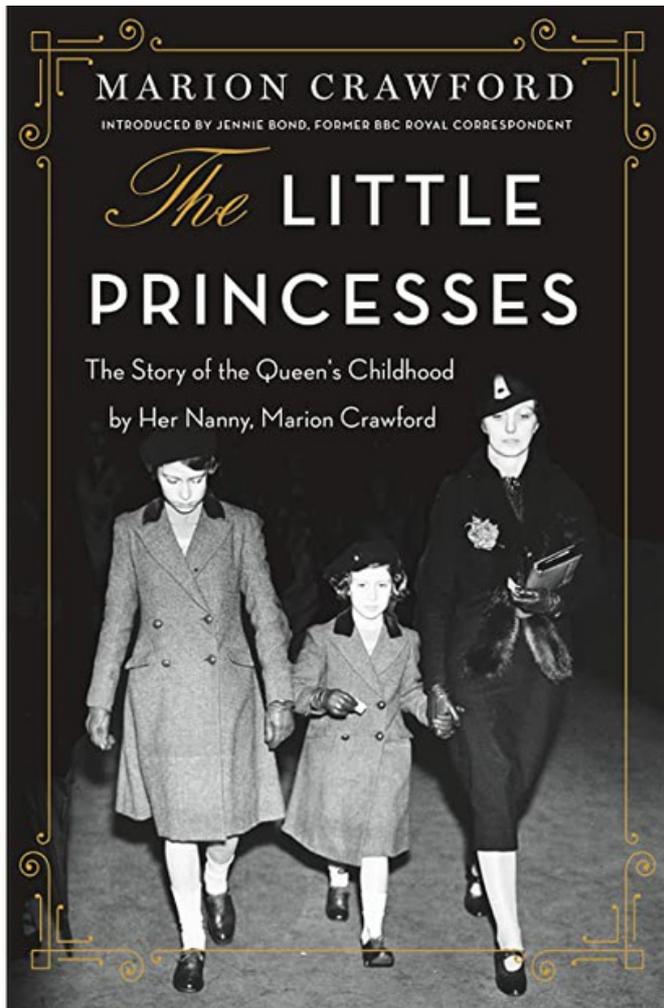
Assim como não era para a rainha Elizabeth II ter virado rainha (não era o pai dela o herdeiro do trono, originalmente, mas o tio abdicou quando ela tinha 10 anos), o Impressionismo não era para ter existido.

O movimento só começou porque Camille Pissarro, Edgar Degas e Monet se uniram para trazer uma arte sem a perfeição do Classicismo, que ia invadindo o século XX. Tudo isso foi possível graças às invenções do ferro que segura as cerdas do pincel, do tubo de tinta e do cavalete portátil. Dessa forma os traços podiam ser mais fortes, passou a ser possível fazer traços. A pintura foi para outro nível.

O nome do movimento surgiu por causa do quadro Impressions, de Monet.



Indicações de livros



'Brilliantly entertaining and historically priceless' *Observer*

KING'S COUNSELLOR

Abdication and War: The Diaries
of Sir Alan 'Tommy' Lascelles

